

Economês, o complicado jargão do mundo dos negócios

'BC FAZ GO-AROUND
E STOP&GO VOLTA
AO OPEN MARKET'

'BC faz go-around e Stop&Go volta ao open market' — este é um título hipotético, que não corresponde exatamente à atual realidade do mercado (apesar do Banco Central gostar muito dos go-around e de ter no passado adotado inúmeras vezes a política do Stop&Go). Literalmente, a tradução seria, Banco Central faz leilão informal de títulos e volta a usar a política do pára e anda no mercado aberto.

Não se assuste, leitor. Você não está lendo uma publicação estrangeira. Este título poderia sair em qualquer jornal brasileiro, caso os jornalistas repetissem todo o jargão usado no mundo dos negócios, o chamado economês.

Pode-se dizer, sem exagero, que especialmente no mercado financeiro, se fala uma outra língua, uma espécie de portunhês, mistura de português com termos e expressões em inglês.

Alguns desses termos têm tanta força no jargão que, se forem traduzidos, possivelmente se tornarão in-

compreensíveis para os que lidam com ele, diariamente, no mundo dos negócios. Por exemplo: chamar um navio roll-on-roll-off de rolando-entra-rolando-sai soaria, no mínimo, ridículo. O máximo que se conseguiu foi um apelido: agora, o navio é mais conhecido como ro-ro.

Isto quanto à navegação. No mercado de capitais é a mesma coisa. Overnight, por exemplo, significa um negócio feito entre instituições financeiras ou entre instituições financeiras e pessoas jurídicas, no mercado aberto (open-market), que só tem a duração de um dia (ou melhor, uma noite). E na prática um

empréstimo, com garantias em Letras do Tesouro Nacional ou em outros títulos, que é desfeito automaticamente no dia seguinte. A empresa que deu o dinheiro devolve os títulos ao tomador e este paga o empréstimo acrescido de uma taxa de juros. Overnight é então uma palavra mágica que explica tudo isso. Para traduzi-la, é necessário escrever pelo menos "financiamento de um dia para o outro".

No auge do boom (eis aí mais um termo do jargão, que significa explosão) da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, em 1971, o full disclosure chegou também às manchetes das

páginas de economia. Investidores, analistas e corretores exigiam dos empresários "abertura total de informações", o full disclosure, para evitar a ação do insider (aquele que tem acesso à informação em primeiro plano e faz uso dela no mercado).

Melhor ainda é o spread que, sem dúvida, já deu várias primeiras páginas. Spread quer dizer diferença entre uma taxa e outra, entre um preço e outro. Um banco, por exemplo, pode captar depósitos a prazo pagando cinco por cento ao mês e emprestar os recursos a sete por cento ao mês. O spread, nesse caso, será de dois por cento. Atualmente,

os bancos são muito criticados pelos industriais e comerciantes por estarem cobrando spreads elevados.

Mas o spread também é empregado como a taxa de risco que um país paga aos banqueiros internacionais nos empréstimos que contrata no exterior. Os empréstimos em moeda estrangeira são realizados com base na Libor (London Interbank Offered Rate), que é a taxa de juros que vigora no mercado financeiro internacional de Londres. Dependendo do tipo do empréstimo, a Libor é reajustada trimestralmente, semestralmente ou anualmente. A hipótese mais usada é a segunda. Além da



Libor, cada país paga um adicional aos bancos, que é o spread. A fixação deste spread vai depender do risco que o país apresenta, em termos políticos ou econômicos, para os banqueiros.

Em 1980, por exemplo, o Brasil apresentava uma inflação galopante, importações cada vez maiores que as exportações e muitos temiam que o País não tivesse condições de cumprir seus compromissos financeiros internacionais. Assim, o spread para o Brasil atingiu níveis elevadíssimos, de quase três por cento acima da Libor. Hoje, esta taxa caiu para 1,75 por cento (e já chegou a ser zero, por volta de 1972).

FACILIDADE E ESNOBISMO

Não há dúvida que, em alguns casos, o uso do termo em inglês facilita as coisas, por falta de uma tradução melhor em português, mas a verdade é que o economês não deixa de ser um certo esnobismo da parte de quem o adota.

Certamente é uma herança do colonialismo.

Para esta situação influíram dois fatores. Primeiro, o modelo de mercado de capitais instituído a partir de 1965 no País foi praticamente copiado da experiência americana; segundo, grande parte dos doutores da economia brasileira fez seus cursos de mestrado ou extensão universitária nos Estados Unidos, na Inglaterra ou em outros países desenvolvidos. Era natural, portanto, que se importasse os termos empregados nos mercados externos e nos livros-texto de economia de autores estrangeiros, já que até recentemente havia pouca literatura econômica didática de boa qualidade no Brasil.

O Glossário

Já que o economês é útil e, certos aspectos, inevitável, eis as expressões e os termos ingleses mais usados no jargão:

B Background — mais uma expressão de difícil tradução. Significa um acervo de informações, conhecimentos e experiências acumuladas, a retaguarda de um determinado assunto. Diz-se, por exemplo, que uma pessoa pode ter background em comércio exterior etc.

Block trade — é a venda de um grande lote de ações na Bolsa. O block trade está sendo regulamentado pela Comissão de Valores Mobiliários, tal a interferência que este tipo de operação pode ter nos preços das ações.

Break even point — ponto de equilíbrio entre receita e despesa. A partir do break even point as receitas da empresa geram, proporcionalmente, um lucro maior.

C Cash flow — é o fluxo de caixa, o movimento de entrada e saída de dinheiro de uma empresa, órgão governamental, ou mesmo de uma família.

Commodities — títulos correspondentes a negociações com produtos agropecuários, metais, minérios e outros produtos primários nas bolsas de mercadorias. Estes negócios se referem à entrega futura de mercadorias, mas não significa necessariamente que há movimento físico de produtos nas bolsas. O que se negocia são contratos. A bolsa de commodities tem grande influência na fixação dos preços dos produtos primários e, por isso, o movimento dos mercados de Chicago, Zurique, Londres, Tóquio, Frankfurt, Paris, Hong Kong, Cingapura é acompanhado atentamente por exportadores, agricultores e autoridades de todos os países. Fatores climáticos, políticas internas de cada governo, estoques, guerras se refletem imediatamente nessas bolsas. No Brasil, o mercado de commodities ainda está começando, mas vários exportadores brasileiros operam diretamente no exterior.

D Draw back — é uma isenção de imposto para importação feita com o objetivo de transformar o produto no País e posteriormente exportá-lo.

E Easy market — expressão usada no mercado aberto, onde quase todos os grandes operadores, do setor privado ou do Banco Central, passaram por estágios no Federal Reserv de Nova York (o banco central americano). Easy market quer dizer mercado com dinheiro farto e barato, boa liquidez, taxas de juros baixas. O contrário é tight market: mercado de difícil liquidez, pouco crédito e juros altos.

E Feedback — termo que saiu do jargão das pessoas que lidam com os computadores, com a informática, e significa uma informação ou fluxo que volta a realimentar o processo econômico. Uma empresa paga salários às pessoas, que, por sua vez, compram as mercadorias produzidas pelas em-

presas (eis um exemplo muito sintético e simples da realimentação no processo econômico).

Full disclosure — já vimos que é a total abertura de informações nas empresas e na economia.

G Go-around — é a mais recente novidade do open market brasileiro. É uma espécie de leilão informal de Letras do Tesouro Nacional ou Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional que o Banco Central faz quase que diariamente no mercado aberto.

H Hedging — tipo de aplicação que uma empresa faz para diminuir os riscos de um empréstimo ou de um negócio. Uma companhia, por exemplo, toma emprestado US\$ 10 milhões, mas, por via das dúvidas, aplica parte desse dinheiro em títulos de renda fixa ou em mercadorias com valorização garantida, para depois ter como pagar o financiamento. O hedging é uma garantia, uma defesa financeira da empresa.

J Joint-venture — um empreendimento conjunto. Associação entre empresas ou entre países, sob a forma de capital, trabalho ou recursos naturais. Literalmente, uma associação com aventura.

K Know-how — saber como fazer uma coisa. Acervo tecnológico ou de recursos humanos de uma empresa, um país ou uma pessoa.

L Lay-off — termo que foi incorporado ao economês por causa da crise do emprego no Brasil no ano passado. Significa o afastamento temporário de trabalhadores de uma empresa até que ela volte a dar lucros e readmita os empregados.

Leasing — arrendamento mercantil, ou aluguel de equipamentos, tratores, automóveis, máquinas de escrever ou contabilidade etc. Muitas vezes uma empresa não tem capital para imobilizar e prefere então alugar os equipamentos de que precisa. Há empresas especializadas neste aluguel, que são as companhias de leasing. O aluguel de TV a cores é uma espécie de leasing, porque a pessoa que aluga tem opção de comprar o aparelho no final do contrato.

Libor — a taxa de juros do mercado de juros, aplicada aos empréstimos internacionais.

N No return point — é o ponto onde não há mais volta. E quando uma empresa já fez um investimento tão alto que não tem mais como desistir do negócio, sem sofrer um grande prejuízo. E o caso das indústrias automobilísticas brasileiras: mesmo com prejuízo no ano passado, não poderiam parar a produção. E os estoques foram crescendo, crescendo.

O Open market — mercado aberto, onde qualquer empresa financeira negocia títulos públicos federais, esta-

duais e municipais ou debêntures, certificados de depósitos etc. Houve época no Brasil que até conta de luz se negociava neste mercado, mas agora melhorou muito.

Overnight — é o principal negócio do open market. Estes financiamentos de um dia para o outro representam mais de 80 por cento dos negócios no setor.

P Prime rate — Depois da Libor (ou talvez tanto quanto ela) é a taxa de juros mais importante da economia mundial, pois é cobrada pelos bancos americanos de seus principais clientes. E os bancos americanos detêm 40 por cento, pelo menos, dos financiamentos realizados no mercado de Londres. Assim, a Libor e a prime dos EUA sempre andam juntas. São primas.

R Roll-on-roll-off — navios com esteiras, que permitem a carga e a descarga de mercadorias diretamente dos caminhões em seus porões. A estiva praticamente desaparece com o navio-ro-ro.

S Stand by — linhas de crédito em aberto. O cliente vai sacando o dinheiro aos poucos, conforme vai precisando ou apresentando faturas. Há também passagens aéreas do tipo stand by (sem reserva garantida), muito usadas em vôos nos Estados Unidos.

Supplies credits — créditos vinculados a uma operação comercial. O tomador não recebe o dinheiro na mão, ele ganha um crédito para comprar máquinas, equipamentos, mercadorias. O Brasil tem sido obrigado a fazer muitos desses créditos para obter também outros financiamentos em moeda. Com isto, importa-se produtos que poderiam ser fabricados por empresas nacionais.

Stop&Go — é a política do pára e anda. Estímulos e desestímulos vão se revezando ao longo do tempo. No Brasil, isto era muito comum no mercado financeiro até recentemente. Em alguns meses sobrava crédito; em outros, os bancos ficavam totalmente fechados para os clientes.

T Take over bid — tentativa de assumir o controle acionário de uma empresa comprando ações na Bolsa. O grupo Rockefeller conseguiu isto em relação à TWA, companhia de aviação que pertencia ao excêntrico milionário americano Howard Hughes. No Brasil, esta experiência foi tentada pelo Banco Mercantil de São Paulo, do banqueiro Gastão Vidigal, em relação ao Comind, banco concordante, mas não deu certo. Já o grupo Sul América assim se tornou o maior acionista individual da Brahma, e o mesmo aconteceu com o Banco de Garantia de Investimento em relação às Lojas Americanas. O Banco Econômico e o Bradesco também disputaram as ações do antigo Banco da Bahia, mas o segundo acabou levando a melhor, pois assegurou a compra das ações da família Mariani, que era a maior acionista do banco.

Trading company — empresa especializada em comércio exterior.